

5 O habitar e a técnica

“O fato de que o ser se revista da *objetividade* dos objetos para se dispensar como tal, mas nos usurpe sua essência própria de ser, define uma nova época do retraimento. Essa época caracteriza a essência íntima do que nós chamamos os tempos modernos.”¹⁴⁴

No capítulo anterior, enquanto investigávamos a relação de fundamentação existente entre a decisão e o indeterminado, esbarramos com essa passagem do pensamento heideggeriano. É a partir dela que pretendemos começar o último movimento de nossa investigação, a saber, o movimento no qual nos aproximaremos finalmente do habitar humano como pensado por Heidegger e, ao fim, isolaremos aquilo que acreditamos ser o traço ético fundamental do pensamento heideggeriano. Essa passagem, no entanto, não nos fala do habitar humano, mas dos tempos modernos.

Os tempos modernos são uma nova época do retraimento do ser, época marcada pelo revestimento pelo ser da objetividade dos objetos. A grande questão dessa época, nos diz Heidegger, é que nesse ser revestido de objetividade o ser nos usurpe de sua própria essência de ser. Ora, qual é a própria essência do ser? O ser é justamente o mais indeterminado, o não dominado, o indefinível. A objetividade, por outro lado, é justamente a ontificação, a definição, a dominação.

A partir do que conquistamos no capítulo anterior, acreditamos ser possível acrescentar algo a essa reflexão. Se o não dominado, o indefinível, é justamente isso que Heidegger chamou Terra, a força de velamento radical, e a determinação, a ontificação é o que é operado pelo Mundo, então podemos dizer que esse revestir do ser em objetividade busca justamente eliminar o traço da Terra, do velado, no mundo. Esse seria então o traço fundamental dos tempos modernos. A crítica feita por Heidegger, acreditamos, visa justamente marcar a impossibilidade de um tal projeto, além de expô-lo as suas consequências mais nefastas.

O último movimento de nossa investigação, então, terá necessariamente que ser duplo. Num primeiro momento, defenderemos nossa hipótese de que os tempos modernos, como pensados por Heidegger, têm como sua marca principal a tentativa de eliminar, ou ignorar, o velado. Para tal, nossa investigação vai se

¹⁴⁴ HEIDEGGER, Martin. *Le principe de raison*. Ed. Gallimard. Paris: 1962. Pág. 139.

utilizar da reflexão heideggeriana acerca da técnica, que é, sem dúvida, o lugar onde Heidegger pensa com maior profundidade os tempos modernos. Num segundo momento, nos aproximaremos dos textos acerca do habitar humano para marcar justamente que o traço fundamental do habitar, como pensado por Heidegger, é uma relação radical com o velado.

Ao final desse duplo movimento, teremos então estabelecido dois pontos fundamentais: 1. o papel central da reflexão ética no pensamento heideggeriano, uma vez que o que estamos defendendo é que todo o pensamento sobre a questão da técnica comporta já em seu cerne um forte viés ético, e que, portanto, os textos de Heidegger que pensam a técnica devem ser lidos em conjunto com os textos heideggerianos que pensam o habitar, ou seja, o *êthos*; 2. que o traço fundamental disso que no começo de nossa investigação chamamos, com Heidegger, de ética originária é, de fato, como todos os indícios já nos apontavam durante nossa investigação, uma relação radical e originária com a essência da verdade, com o velado.

No início de seu texto intitulado *A questão da técnica*¹⁴⁵, Heidegger nos fala da concepção cotidiana da técnica. Ele então nos diz que “a concepção corrente da técnica, de ser ela um meio e uma atividade humana pode se chamar, portanto, a determinação instrumental e antropológica da técnica”¹⁴⁶. Essa concepção, ainda segundo Heidegger, vê a técnica como algo neutro. É justamente essa concepção que ele vai combater. A crítica de Heidegger, no entanto, começa de maneira um tanto ou quanto curiosa. Vale aqui a extensa citação:

“Quem ousaria negar que ela [a concepção corrente da técnica] é correta? Ela se rege evidentemente pelo que se tem diante dos olhos quando se fala em técnica. A determinação instrumental da técnica é mesmo tão extraordinariamente correta que vale até mesmo para a técnica moderna. Desta, de resto, afirma-se com certa razão ser algo completamente diverso e por isso novo face à técnica artesanal mais antiga. [...]

“Permaneça, portanto, correto: também a técnica moderna é um meio para um fim. É por isso que a concepção instrumental da técnica guia todo esforço para colocar o homem num relacionamento direito com a técnica. Tudo depende de se manipular a técnica, enquanto meio e instrumento, da maneira devida. Pretende-se, como se costuma dizer,

¹⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica* IN: *Ensaio e Conferências*. Ed. Vozes. Petrópolis: 2002.

¹⁴⁶ Id. Pág. 12.

‘manusear com espírito a técnica’. Pretende-se dominar a técnica. Este querer dominar torna-se tanto mais urgente quanto mais a técnica ameaça escapar ao controle do Homem.”¹⁴⁷

A concepção corrente da técnica, nos diz Heidegger, é correta. E é com essas palavras que ele começa sua crítica. Estaria o filósofo sendo irônico? Talvez¹⁴⁸. Como vimos no primeiro capítulo, quando nos aproximávamos da investigação heideggeriana acerca da essência da verdade, a correção foi um dos modos históricos de compreensão da verdade. Heidegger nos mostrou que a verdade como concordância, como correção, a verdade da proposição e da lógica não é absolutamente a verdade mais originária. A verdade da lógica é a verdade como *orthótes*. Heidegger vai buscar a verdade como *Alétheia*. Enquanto no primeiro caso temos uma verdade como o simples não-velado, como o desvelado em sua evidência, no segundo caso teremos justamente o velado como a essência da verdade. No primeiro caso temos uma concepção de verdade que lida com o ser simplesmente dado, e no segundo caso uma concepção de verdade que trata do ser.

A chave aqui é pensarmos essa evidência. Também no primeiro capítulo, vimos que a essência da verdade é primeiro pensada por Heidegger como estando no comportamento, depois na liberdade e em seguida no velado. A liberdade, Heidegger nos mostrou, só é possível através do velado, isso porque uma verdade que fosse toda, que desvelasse o todo do ente, eliminaria toda e qualquer possibilidade de liberdade para o Dasein. Numa verdade toda, o Dasein não mais estaria implicado no desvelamento. Ali onde reina a evidência não há lugar para uma relação com o velado e, portanto, não há lugar para liberdade.

Podemos agora compreender porque a crítica heideggeriana começa chamando a concepção corrente da técnica de correta. Correta quer dizer aqui ao mesmo tempo amparada e presa à evidência, quer dizer também não-libertadora, na medida em que uma tal concepção nega ao Dasein a liberdade de modificar

¹⁴⁷ Id.

¹⁴⁸ Nos agrada pensar na ironia como sendo oposta ao cinismo. Isso, no sentido de que a ironia é um enunciado no qual a enunciação aponta e traz para o primeiro plano algo outro que o próprio enunciado vela, não diz. Já o cinismo seria um enunciado cujo único objetivo é esconder e tirar de jogo isso que ele vela, que ele não diz. Em ambos os casos o que se esconde, o que se vela, é o fundamental para que se compreenda o enunciado em questão. A diferença dos dois, poderíamos dizer, é propriamente *ética*: ela diz respeito ao estatuto e a dignidade que cada postura confere ao velado. Mas essas são apenas indicações rudimentares que não poderemos aqui desenvolver com maior cuidado.

essa mesma relação. Essa concepção, portanto, pode ser chamada de muitas coisas, mas nunca de neutra.

Nossa reflexão se confirma algumas linhas mais adiante, quando Heidegger nos diz:

“O correto constata sempre algo exato e acertado naquilo que se dá e está em frente (dele). Para ser correta, a constatação do certo e exato não precisa descobrir a essência do que se dá e apresenta. Ora, somente onde se der esse descobrir da essência, acontece o verdadeiro em sua propriedade. Assim, o simplesmente correto ainda não é o verdadeiro. E somente este nos leva a uma atitude livre com aquilo que, a partir de sua própria essência, nos concerne.”¹⁴⁹

A citação anterior segue para falar em dominação e endireitamento da técnica. A concepção corrente, nos diz Heidegger, pretende que nós concentremos nossos esforços em utilizá-la da maneira devida. Ora, mas o que seria a maneira devida? Trataria-se de utilizar a técnica para o bem? Tal idéia iria de acordo com a concepção corrente, e correta, da técnica. Basta que nos lembremos que a idéia do Bem em Platão, como também vimos no primeiro capítulo, está intimamente ligada à concepção da verdade como correção. Trataria-se, então, de conhecer esta idéia e dominar a técnica de modo a alcançá-la. Ora, se, com Heidegger, não pode haver mais espaço para uma tal idéia em nossa investigação, muito menos podemos conceber a ingenuidade de um tal projeto.

Heidegger termina a primeira citação nos dizendo que um tal esforço de dominação da técnica tem se mostrado tanto mais urgente quanto mais a técnica busca escapar ao controle do Homem. Que ela fuja ao controle do Homem, isso não pode mais nos espantar. Pois é justamente uma tal concepção da técnica, que nos impede a atitude livre de que Heidegger nos fala na segunda citação, que nos deixa impotentes diante da técnica.

Fica claro então que o que Heidegger busca ao tentar pensar a técnica é uma concepção que permita ao homem uma tal atitude livre, que não mais o deixe impotente diante da técnica. Ora, um tal projeto é de claros e anunciados contornos éticos. Trata-se de um projeto que visa modificar e interferir com a técnica, isso que tantas vezes Heidegger chamou de o traço fundamental dos tempos modernos. A era da técnica, a nossa era, deve por nós poder ser habitada.

¹⁴⁹ Id. Pág. 12-13.

Esse é o projeto heideggeriano quando ele se propõe a pensar a técnica. Esse projeto passa, necessariamente, por uma investigação da essência da técnica, ou seja, pelo estabelecimento de uma relação com a verdade da técnica. A pergunta é: o que é a técnica verdadeiramente? Lembrando aqui que a essência da verdade é o velado, podemos então afirmar que o projeto heideggeriano passa, necessária e conscientemente, pelo estabelecimento contemporâneo de um relacionamento originário com o velado. É isso que está perdido na concepção corrente da técnica, e é isso que se trata de alcançar.

Heidegger começa a sua investigação propondo que se busque o verdadeiro “através e por dentro” do correto. Seguindo, então, a definição corrente da técnica, e buscando ultrapassá-la, Heidegger se pergunta o que é o instrumental em si mesmo. O que reina na instrumentalidade, Heidegger nos diz, é a causalidade. Ele então enumera as quatro causas, de acordo com a tradição metafísica que ele mesmo remonta a Aristóteles:

“A filosofia ensina a séculos que existem quatro causas: 1) a *causa materialis*, o material, a matéria de que se faz um cálice de prata; 2) a *causa formalis*, a forma, a figura em que se insere o material; 3) a *causa finalis*, o fim, por exemplo, o culto do sacrifício que determina a forma e a matéria do cálice usado; 4) a *causa efficiens*, o ourives que produz o efeito, o cálice realizado, pronto. Descobre-se a técnica concebida como meio, reconduzindo-se a instrumentalidade às quatro causas.”¹⁵⁰

Ora, como vimos no capítulo anterior, quando nossa investigação nos levou ao *Sobre o princípio de razão*, é à quarta causa que Heidegger vai dar a primazia. A causa é, ela mesma, causa efficiens em sua formulação mais rigorosa. Não obstante, Heidegger vai aqui, como também em sua investigação sobre o princípio da razão, procurar se afastar dessa concepção em nome de outra ainda mais originária. Heidegger nos diz que:

“(…) para o pensamento grego e no seu âmbito, tudo o que a posteridade procurou entre os gregos com a concepção e com o título de ‘causalidade’ nada tem a ver com a eficiência e a eficácia de um fazer. O que os alemães chamam de *Ursache*, o que nós chamamos de causa, foi chamado pelos gregos de *Aítion*, aquilo pelo que um outro responde e deve. As quatro causas são os quatro modos, coerentes entre si, de responder e dever.”¹⁵¹

¹⁵⁰ Id. Pág. 13.

¹⁵¹ Id. Pág. 14.

Que Heidegger chegue à questão da responsabilidade através do pensamento da causa já nos dá a medida do comprometimento ético de sua investigação. A causa não é aqui algo que possa desresponsabilizar o sujeito diante de uma força maior, mas justamente aquilo através do que se coloca de forma radical e definitiva a questão da responsabilidade e da dívida. Mas o que significa então dever e responder? Heidegger nos diz que os quatro modos de dever e responder têm em comum o fato de que deixam algo aparecer e vigir, ou seja, desvelam. Ressaltando aqui que deixar aparecer e deixar vigir não tem o sentido secundário que à primeira vista poderia parecer. Dever e responder dizem, então, ao mesmo tempo, ser causa e desvelar.

Se trata então, mais uma vez, da verdade em seu eterno movimento de desvelamento. Citando Platão, Heidegger nos diz que esse trazer da não-vigência para a vigência, ou seja, do velado para o desvelado, é chamado de *poíesis*, termo sobre o qual já nos debruçamos com bastante cuidado no primeiro capítulo. A técnica tem a ver com a verdade na medida em que a *poíesis* se funda no desvelamento. Heidegger, no entanto, dá aqui um pequeno passo a frente. Ele nos diz:

“A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de descobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do descobrimento, isso é, da verdade.”¹⁵²

Aqui fica clara a insuficiência da concepção corrente da técnica. Heidegger vai, então, em busca de uma nova concepção. Ele parte da palavra grega *Téchne* e, sobre ela, ele nos diz duas coisas. A primeira é que ela diz não só a atividade do artesão, mas também do artista das belas artes, de modo que ela está já associada à *poíesis*. A segunda é que a palavra *Téchne* ocorre também desde cedo junto com a palavra *Épistème* e que ambas são palavras que dizem o conhecimento em seu sentido mais amplo. A *Téchne*, nos diz Heidegger, é a instrumentalidade do instrumento. Mas essa concepção da técnica não dá conta do que a técnica se tornou nos tempos modernos. Hoje, a técnica não é mais *poíesis*. Afinal, o que é a técnica em nossos dias? Partimos agora para uma seqüência de citações do texto heideggeriano, que analisaremos em seguida.

¹⁵² Id. Pág. 17.

“O desencobrimto, que rege a técnica moderna, é uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada.”¹⁵³

“Esta disposição, que explora as energias da natureza, cumpre um processamento, numa dupla acepção. Processa à medida que abre e expõe. Este primeiro processamento já vem, no entanto, predisposto a promover uma outra coisa, a saber, o máximo rendimento possível com o mínimo de gasto. Não se dispõe do carvão processado na baía do Ruhr para torná-lo disponível em algum outro lugar. O carvão fica estocado no sentido de ficar a postos para se dispor da energia solar nele armazenada.”¹⁵⁴

“A usina hidroelétrica posta no Reno dispõe o rio a fornecer pressão hidráulica, que dispõe as turbinas a girar (...). Nesta sucessão integrada de disposições de energia elétrica, o próprio rio Reno aparece, como um dispositivo. (...) O rio que hoje o Reno é, a saber, fornecedor de pressão hidráulica, o Reno o é pela essência da usina.”¹⁵⁵

“O desencobrimto que domina a técnica moderna, possui, como característica, o pôr, no sentido de explorar. Essa exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: a energia escondida na natureza é extraída, o extrato vê-se transformado, o transformado estocado, distribuído, o distribuído, reprocessado. Extrair, transformar, estocar, distribuir, reprocessar são todos modos de desencobrimto. (...) Pelo controle, o desencobrimto abre para si mesmo suas próprias pistas, entrelaçadas numa trança múltipla e diversa. Por toda parte, assegura-se o controle. Pois controle e segurança constituem até as marcas fundamentais do desencobrimto explorador.”¹⁵⁶

Desencobrimto explorador é o nome que Heidegger dá à forma de desencobrimto que vigora na técnica moderna.

O que a primeira passagem nos diz é que esse novo modo de desencobrimto imputa algo à natureza. Ou seja, a técnica parte do princípio de que algo é já da natureza em sua essência. Esse algo é a capacidade de fornecer energia que pode ser beneficiada e armazenada. Aquilo para o que Heidegger nos chama a atenção é que uma tal imputação é nova. Ela era estranha aos gregos, sobretudo no que diz respeito ao armazenamento. Que fique claro aqui que uma suposta insuficiência técnica dos antigos não explica absolutamente o que Heidegger está nos dizendo. Uma coisa é um povo ter como armazenar a energia

¹⁵³ Id. Pág. 18-19.

¹⁵⁴ Id. Pág. 19.

¹⁵⁵ Id. Pág. 20.

¹⁵⁶ Id. Pág. 20.

de um moinho, outra bem diferente é este povo partir do princípio de que a natureza é uma capaz provedora de energia a ser armazenada.

A chave da segunda passagem é o rendimento máximo para o qual a extração é voltada. O que Heidegger aponta aqui é que a técnica moderna se distancia de toda e qualquer ligação com a necessidade imediata. Não se trata de extrair carvão para cobrir as necessidades de uma comunidade, mas de extrair o máximo possível de carvão. Passo que só faz sentido quando compreendemos que para a técnica moderna a natureza não é senão esse provedor de energia. Se não há mais nada ali a não ser o que se pode extrair e armazenar, não há argumento ou justificativa para que não se extraia o máximo possível de uma dada reserva.

A terceira passagem nos dá a medida da radical mudança que o novo modo de descobrimento introduz. Enquanto nas primeiras duas passagens pode-se compreender a técnica como um lamentável equívoco, uma má compreensão, na terceira passagem, ao dizer que o que o Reno é hoje é determinado pela usina, Heidegger nos diz que a nova forma de desvelamento introduz mudanças no ontológico. O que está em jogo é o ser ele mesmo, e o ser do Reno é outro agora do que era quando dos hinos de Höelderlin. Isso não deve nos surpreender, na medida em que o desvelamento não trata de outra coisa senão do ser. Isso que a cada vez se desvela e ao mesmo tempo se vela é o ser mesmo.

Na última passagem, Heidegger dá um contorno final ao que foi dito anteriormente, e acrescenta um importante traço do descobrimento explorador: o controle. O controle e a segurança são as marcas fundamentais desse novo descobrimento explorador. No capítulo anterior, vimos que eles são também traços fundamentais do que Heidegger chamou mundo, em oposição à Terra. Podemos agora afirmar que o descobrimento explorador caminha no sentido de apagar todos os vestígios da Terra, no sentido de uma expansão ilimitada do Mundo. Como também vimos no capítulo anterior, a Terra não é senão a força radical do velamento. Trata-se aqui, portanto, de uma tentativa de desvelamento *total*. Ora, mas é justamente esse o paradoxo. Se a essência da verdade, enquanto eterno movimento de desvelamento e velamento, é justamente o velado, o que seria um desvelamento *total*, ou seja, um desvelamento que não deixasse nenhum espaço para o velamento? Era o que Heidegger chamou em *Sobre a essência da verdade*, e que nós vimos em nosso primeiro capítulo, de evidência. O

desencobrimto explorador pretende reduzir o planeta à evidência, eliminando de uma vez por todas o âmbito da verdade.

É somente agora que podemos compreender o que realmente está em jogo nesse novo modo de desencobrimto. Como vimos durante nossa investigação, pertence à essência da verdade a liberdade, na medida em que esta se fundamenta no velado. No projeto moderno a liberdade deve necessariamente deixar de existir. Também vimos que toda decisão, momento ético fundamental do Dasein, se baseia em algo confuso, estranho, fora de qualquer possibilidade de controle ou conhecimento. Esse mesmo movimento que não deixa espaço para a liberdade também não deixará espaço para essa negatividade radicalmente indeterminada na qual a decisão se apóia. É a estrutura do mundo como verdade, como velamento e desvelamento, que garante ao Dasein a possibilidade da decisão. De onde virá o clamor da consciência? Ainda existirá? Se não existir, se o Isso, que vimos no segundo capítulo se tratar do que o Dasein tem de mais próprio, não tiver mais lugar no planeta, ainda poderemos chamar o Dasein de Dasein? O que percebemos agora é que também o Homem é parte desse projeto.

Em outro lugar, Heidegger nos diz algumas linhas sobre o projeto da modernidade, que ele liga ao seu conceito do matemático, e suas implicações neste sentido. Ele nos diz:

“No projeto matemático não está somente presente uma libertação, mas ao mesmo tempo uma nova experiência e uma nova figura da própria liberdade, quer dizer, da aceitação de uma sujeição. No projeto matemático, realiza-se uma sujeição em relação aos princípios que nele mesmo são exigidos”.¹⁵⁷

O matemático, que Heidegger toma como o traço fundamental do projeto moderno, caracteriza-se por um tomar das coisas no conhecimento, “enquanto tomamos conhecimento delas, como aquilo que, verdadeiramente, já sabemos de modo antecipado”¹⁵⁸. Neste tomar, nós tomamos na verdade aquilo que já temos. O que essa forma exclui é justamente o deixar as coisas aparecerem nelas mesmas, o respeitar o vigor da coisa. O que é absolutamente incompatível com o projeto matemático é o respeito do velado, da negatividade. Pois o velado é

¹⁵⁷ HEIDEGGER, Martin. *O que é uma coisa?* Edições 70. Lisboa: 1992. Pág. 100.

¹⁵⁸ Id. Pág. 79.

justamente aquilo que nós não conhecemos de modo antecipado, que marca o limite de todo saber.

Que também o homem está tomado por esse projeto, não é senão isso que Heidegger nos diz, depois de estabelecer que o desencobrimento descobre o chamado real como disponibilidade (*Bestand*), quando ressalta que expressões modernas como “material humano” e “material clínico”, as quais ainda podemos juntar a cada vez mais usada expressão “recursos humanos”, nos mostram que também o homem pertence a essa disponibilidade que impera do desencobrimento explorador. Como o avião na pista de decolagem, o carvão e a água do rio, o homem também está disponível para a técnica moderna. Para os que ainda se perguntam em que sentido exatamente se pode falar numa disponibilidade humana, basta nos recordarmos do conceito, desenvolvido por Karl Marx em *O capital*, do exército de mão-de-obra reserva. Segundo Marx, o capitalismo necessita do desemprego estrutural justamente porque com uma tal disponibilidade de mão-de-obra excedente se pode manter os salários da força de trabalho empregada sob controle. A nosso ver, não há exemplo mais definitivo e contundente do que seria o Homem disponível a serviço do projeto de controle e segurança da técnica¹⁵⁹. Para os que se questionam, em um sentido mais amplo, se uma tal aproximação entre Marx e Heidegger é válida, pedimos que considerem a seguinte passagem de Heidegger, encontrada neste mesmo texto sobre a técnica:

“O coiteiro, que, na floresta, mede a lenha abatida e que, aparentemente, como seu avô, percorre os mesmos caminhos silvestres, está hoje à disposição da indústria madeireira, quer o saiba ou não. Ele está disposto ao fornecimento de celulose, exigida pela demanda do papel, encomendado pelos jornais e revistas ilustradas. Estes, por sua vez, predispõem a opinião pública a consumir mensagens impressas e a tornar-se disponível à manipulação disposta das opiniões.”¹⁶⁰

¹⁵⁹ Poderíamos ir ainda mais longe aqui, ainda que apenas de modo puramente especulativo, e apontar que, uma vez que a energia é hoje, em todo mundo, uma mercadoria, não seria absurdo dizer que quando Heidegger fala de armazenamento, rendimento máximo e exploração da natureza através da extração como sendo traços do projeto contemporâneo da técnica, ele está pensando justamente isso que Marx chamou de mais valia. Nos parece um horizonte bastante fértil a tentativa de pensar em conjunto o capitalismo como pensado por Marx e a técnica como pensada por Heidegger.

¹⁶⁰ HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica **IN: Ensaio e Conferências**. Ed. Vozes. Petrópolis: 2002.. Pág. 22.

Esse é o projeto da técnica moderna, do desencobrimento explorador. Heidegger, no entanto, vê os limites de um tal projeto. E é justamente nesses limites que se pode encontrar uma maneira de fazer frente a esse projeto. O limite visto por Heidegger reside justamente no fato de que o desencobrimento em si mesmo nunca é algo feito pelo homem, ele sempre já se deu. O homem se faz homem através do desencobrimento. Mas como então esse desencobrimento se dá e acontece? Aqui vai aparecer uma outra figura do pensamento heideggeriano que não nos pode ser estranha. Heidegger vai falar no apelo, num chamado, que aparece num contexto definitivamente semelhante ao clamor da consciência. Heidegger nos diz:

“Não carece procurar muito longe. Basta perceber, sem preconceitos, o apelo que já sempre reivindica o Homem, de maneira tão decisiva, que, somente neste apelo, ele pode vir a ser Homem. (...). O desencobrimento já se deu, em sua propriedade, todas as vezes que o Homem se sente chamado a acontecer em modos próprios de desencobrimento. Por isso, desvendando o real, vigente no seu modo de estar no desencobrimento, o Homem não faz senão responder ao apelo do desencobrimento, mesmo que seja para contradizê-lo.”¹⁶¹

Esse chamado, esse apelo, não pode ser outro senão o que já vimos quando investigávamos o Isso em *Ser e Tempo*. O Homem se sente chamado a acontecer de modo próprio quando ouve o clamor da consciência, do Dasein como clamante, disso que lhe é mais próprio. Clamor que clama sempre no sentido da decisão. Esta, por sua vez, vai reestruturar a relação do Dasein com o seu mundo circundante. O que Heidegger nos diz aqui é que, com todas as limitações que esse momento apresenta em termos de sua evanescência e da ineliminabilidade da impropriedade e da cotidianidade, este é um momento onde algo do âmbito de um modo próprio de desencobrimento se dá. Mas ele nos diz ainda algo mais. Heidegger nos diz também que todos os modos de desencobrimento, a saber, sejam eles próprios ou impróprios, são já uma forma de resposta ao apelo do desencobrimento. Isso quer dizer que mesmo o desencobrimento explorador é uma forma de resposta. Uma forma de resposta que contradiz o próprio desencobrimento, mas ainda assim uma forma de resposta. Mas de que isso nos serve? Nos serve para saber que isso que possibilita o desencobrimento explorador é esse chamado do desencobrimento, ou seja, nos serve para saber que o germe da

¹⁶¹ Id. Pág. 22.

possibilidade de um novo projeto está na condição de possibilidade mesma do projeto de desencobrimento explorador.

É só a partir daí que podemos compreender quando Heidegger nos diz:

“A essência da técnica moderna põe o homem a caminho do desencobrimento que sempre conduz o real, de maneira mais ou menos perceptível, à disponibilidade. Pôr a caminho significa: destinar. Por isso denominamos de *destino* a força de reunião encaminhadora, que põe o homem a caminho de um desencobrimento. É pelo *destino* que se determina a essência de toda história.”¹⁶²

“Destino, neste sentido, é também a produção da *poiesis*.”¹⁶³

“O desencobrimento do que é e está sendo segue sempre um caminho de desencobrimento. O destino do desencobrimento sempre rege o homem em todo o seu ser, mas nunca é a fatalidade de uma coação. Pois o homem só se torna livre num envio, fazendo-se ouvinte e não escravo do destino.”¹⁶⁴

“A essência da liberdade não pertence *originariamente* à vontade e nem tampouco se reduz à causalidade do querer humano. (...) A liberdade tem seu parentesco mais próximo e mais íntimo com o dar-se do desencobrimento, ou seja, da verdade.”¹⁶⁵

Heidegger nos fala de um destino que nos é dado pelo modo do desencobrimento que impera em nossa era histórica. Mas é da essência do desencobrimento em si mesmo, e portanto em todos os seus modos, que a verdade vigore ali onde ele vigora. Daí que nosso destino não seja algo que nos comande como a fatalidade de uma coação. Se o destino é a produção da *poiesis* e essa é, como vimos, o trazer do velado para o desvelamento, o ato mesmo de desvelar, então o destino do Homem não é senão o exercer de sua liberdade mais radical. Esse exercer a sua liberdade radical é também o dar-se da verdade, enquanto eterno processo de desvelamento e velamento. Essa situação, nos diz Heidegger, libera o homem para duas possibilidades.

“a possibilidade de seguir e favorecer apenas o que se desencobre na disposição e de tirar daí todos os seus parâmetros e todas as suas medidas. Assim, tranca-se uma outra possibilidade: a possibilidade de o Homem empenhar-se, antes de tudo e sempre mais e num modo cada vez mais originário, pela essência do que se desencobre e seu

¹⁶² Id. Pág. 27.

¹⁶³ Id. Pág. 27.

¹⁶⁴ Id. Pág. 27-28

¹⁶⁵ Id. Pág. 28.

desencobrimto, com a finalidade de assumir, como sua própria essência, a pertença encarecida ao desencobrimto. Entre essas duas possibilidades, o Homem fica exposto a um perigo que provém do próprio destino. Por isso, o destino do desencobrimto é o *perigo* em todos e em cada um de seus modos e, por conseguinte, é sempre e necessariamente perigo. (...) o perigo de o homem equivocar-se com o desencobrimto e o interpretar mal. Assim, quando todo o real se apresenta à luz do nexo de causa e efeito, até Deus pode perder, nessa representação, toda santidade e grandeza, o mistério de sua transcendência e majestade. À luz da causalidade, Deus pode se tornar *causa efficiens*. (...) Do mesmo modo, em que a natureza, expondo-se, como sistema operativo e calculável de forças, pode proporcionar constatações corretas mas é justamente por tais resultados que o desencobrimto pode tornar-se o perigo de o verdadeiro se retirar do correto. O destino do desencobrimto não, é em si mesmo, um perigo qualquer, mas *o perigo*.¹⁶⁶

O perigo do desencobrimto explorador é o perigo por excelência. O perigo de que o verdadeiro se retire do correto, de que a condição de possibilidade da liberdade se esvaia. Esse é o perigo da má interpretação do desencobrimto. Essa má interpretação seria interpretar o desencobrimto a partir de suas evidências, e não de seu ser desencobrimto. A possibilidade para a qual Heidegger aponta é a possibilidade de nos aproximarmos e buscarmos cada vez mais a essência do que se descobre em seu desencobrimto. Pois é só com a manutenção do verdadeiro no correto que é possível ao Homem, através da liberdade, assumir, como sua própria essência, o pertencimento a este desencobrimto. Essa assunção, já vimos, não é senão o que está em jogo em toda decisão.

No começo deste capítulo adiantamos que aquilo que buscávamos com esse primeiro movimento era assegurar o papel central da reflexão ética no pensamento heideggeriano, uma vez que o que estamos defendendo é que todo o pensamento sobre a questão da técnica comporta já em seu cerne um forte viés ético, e que, portanto, os textos de Heidegger que pensam a técnica devem ser lidos em conjunto com os textos heideggerianos que pensam o habitar, ou seja, o *êthos*. A primeira parte desse primeiro movimento, a que busca ressaltar o viés ético da reflexão heideggeriana acerca da técnica, nos parece estar já suficientemente clara. Quanto à segunda parte, a que fala da necessidade de pensar os textos heideggerianos que investigam a técnica juntamente com os textos que falam sobre o habitar, talvez aí ainda falte algo. Como vimos no

¹⁶⁶ Id. Pág. 28-29.

primeiro capítulo, a essência do habitar como pensado por Heidegger é a *poíesis*, termo que tem também função central no texto que acabamos de investigar. Ela aparece ali não só como marcando a essência da técnica antiga, mas também como parte da esperança de um outro caminho possível diante do desencobrimento explorador. O destino é sempre produção da *poíesis*, no sentido que é nele que acontece e se dá o desvelamento. Caso isso não seja suficiente, remetemos o leitor à citação de Hölderlin que praticamente encerra o texto de Heidegger que acabamos de investigar. Ela diz:

“O mesmo poeta de quem escutamos a palavra de salvação:
 Ora, onde mora o perigo
 É lá que também cresce
 O que nos salva
 Nos diz ainda
 ... poeticamente
 o homem habita esta terra”.¹⁶⁷

É com a questão do habitar, portanto, que Heidegger encerra sua investigação sobre a técnica. E não de um modo qualquer. Trata-se em Hölderlin, como Heidegger o compreende, da palavra de salvação. É na investigação sobre o habitar que podemos encontrar em Heidegger o pensamento a respeito da outra resposta possível ao chamado do desencobrimento. A questão do habitar em Heidegger não é senão a questão dessa outra resposta a esse chamado. E é nesse sentido que a investigação de Heidegger nos diz respeito, e é nesse sentido que ela pode sim nos trazer indicações éticas para nossas questões contemporâneas, talvez mais do que qualquer outro texto de qualquer outro filósofo.

Em nosso primeiro capítulo, quando investigamos preliminarmente os textos heideggerianos que pensam o habitar, dissemos, a respeito de um poema de Hölderlin, que Heidegger traz para seu pensamento, que, neste poema, Heidegger nos mostra que Hölderlin coloca Deus, que aparece como o céu, como a medida do Homem. Mas uma medida um tanto ou quanto curiosa, pois ela se mantém oculta, desconhecida. Como pode aquilo que se mantém desconhecido ser medida? É então que ele diz: “A medida consiste (*bestehe in*) no modo como o desconhecido Deus *como tal* através do céu se torna manifesto. O aparecer de Deus através do céu consiste em um desocultamento que deixa ver o que se

¹⁶⁷ Id. Pág. 37.

encobre”¹⁶⁸. Assim, o habitar poético é aquele que, tomando a medida de forma compreendida, tem uma relação com o manifesto, com o aberto, em seu preservar o velado, o oculto. Em outras palavras, tomando a medida ele se relaciona com a verdade, com o desvelado, em seu conservar, em seu resguardar, o velado. Mas em que sentido podemos dizer que neste habitar poético o homem recebe a medida para a vastidão de sua essência? No habitar poético o homem se relaciona com o velado através do desvelado, mantendo assim a diferença e se implicando na construção, na abertura instauradora, do mundo.

Lá dizíamos, ainda, que num primeiro momento, e de maneira ainda muito preliminar, poderíamos defender a ética originária como se diferenciando da ética tradicional exatamente em seu levar em conta o velado. Nesse levar em conta, o Dasein, habitante da verdade, traz o velado *como velado* para o seu habitar. Poderíamos então afirmar que a ética originária é uma ética da verdade, e, portanto, uma *ética do velado*. Essa ética originária é também, e ao mesmo tempo, *poética*. Ela é poética porque traz ao Dasein sempre a dimensão da possibilidade da instauração de ser, de um novo que vigora. Ao Dasein é sempre possível a instauração do novo porque em seu habitar da verdade ele sempre está em relação com o velado.

Podemos dizer agora, ao final de nosso percurso, que tais afirmações já podem se sustentar definitivamente. Mais importante ainda, podemos agora ir um pouco mais longe. Neste mesmo texto, Heidegger nos diz que a poesia é um deixar-habitar e que “entendida como deixar-habitar, poesia é um construir”¹⁶⁹. No poema de Hölderlin, lemos que “Cheio de méritos, mas poeticamente, o homem habita esta terra”. Falando sobre a frase, e sobre esse construir, Heidegger nos diz:

“O homem cuida do crescimento da terra e colhe o que ali cresce. Cuidar e colher (*colere, cultura*) é um modo de construir. O homem constrói não apenas o que se desdobra a partir de si mesmo num crescimento. Ele também constrói no sentido de *aedificare*, edificando o que não pode surgir e manter-se mediante um crescimento. Construídas e edificadas são, nesse sentido, não somente as construções, mas todos os trabalhos feitos com a mão e instaurados pelo homem. No entanto, os méritos dessas múltiplas construções

¹⁶⁸ HEIDEGGER, Martin. “... dichterisch wohnet der mensch...” in: *Vorträge und Aufsätze*. Frankfurt am Main: Ed. Vittorio Klosterman, 1967. Teil II. Pág. 71.

¹⁶⁹ HEIDEGGER, Martin. “... poeticamente o homem habita ...” IN: *Ensaio e conferências*. Ed. Vozes. Petrópolis: 2002. Pág. 167.

nunca conseguem preencher a essência do habitar. Ao contrário: elas chegam mesmo a vedar para o habitar a sua essência, tão logo sejam perseguidas e conquistadas somente com vistas a elas mesmas.”¹⁷⁰

O que Heidegger pretende marcar aqui é justamente a relação radical com o velado que um tal habitar supõe. As construções nelas mesmas são ônticas, e por isso não conseguem preencher a essência do habitar, ontológico. Ontológico aqui exatamente no sentido da negatividade mais radical do âmbito do ser. A perseguição do ôntico nos faz perder a essência do habitar. Esta é, como *poiesis*, o trazer para o desvelamento o que antes estava velado. Trata-se justamente do ato criativo por excelência, da instauração do novo. Mas se esse novo começa a ser perseguido por si só, então cairemos no novo da novidade, e priorizaremos nossa relação com o ôntico. Ao contrário, o que Heidegger propõe como o que deve ser preservado é essa lida com o velado que a construção implica. Esse é o verdadeiro mérito do habitar, não o seu resultado final.

Quanto ao final do trecho de Hölderlin, podemos agora compreendê-lo em toda sua amplitude. É a terra que o Homem habita. Isso porque o Homem habita, a cada vez, a verdade descoberta. Mas a essência dessa verdade descoberta é justamente o velamento, e a terra não é senão essa força de velamento radical do ser. O Homem habita a terra porque habita o mundo como tal. Ou seja, o Homem habita a terra porque habita o mundo como descobrimento, como o eterno movimento de velamento e desvelamento da verdade. Daí que Heidegger nos diga que “aquilo que nomeamos ao dizer ‘esta terra’ só se sustenta enquanto o Homem habita a terra e, no habitar, deixa a terra ser terra”¹⁷¹. Deixar a terra ser terra é deixar o velado ser velado. Deixar, aqui como em qualquer momento do pensamento heideggeriano, nunca é um simples deixar. Ele é sempre já um cuidar, um *lidar com*. Deixar a terra ser terra diz resguardar o velado como velado, do desencobrimento explorador da técnica moderna. É a poesia, no sentido da *poiesis*, que permite um tal habitar em sentido originário.

Num outro texto sobre o habitar, Heidegger nos diz:

¹⁷⁰ Id. Pág. 168-169.

¹⁷¹ Id. Pág. 178.

“O que diz então: eu sou? A palavra *bauen* (construir) a que pertence ‘*bin*’, ‘sou’, responde: ‘*ich bin*’, ‘*du bist*’ (eu sou, tu és) significa: eu habito, tu habitas. A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual *somos* Homens sobre essa terra é o *Buan*, o habitar. Ser Homem diz: ser como um mortal sobre essa terra. Diz: habitar.¹⁷²”

O mesmo é ser e habitar. O homem é habitando. É logo no início de *Ser e Tempo* que Heidegger nos diz que a presença é sempre sua possibilidade. Essa possibilidade, essa potência, é também a negatividade mais radical. Mas o que isso tem a ver com o habitar? Tudo, se temos em mente que o habitar originário do qual Heidegger fala é essa lida e esse cuidar do velado como velado. Isso porque é justamente o velado que garante a existência da possibilidade em sua radicalidade, e, portanto, do Dasein em si mesmo. Isso que garante que o Dasein jamais estará esgotado em sua existência ôntica, ou seja, isso que garante que o Dasein sempre pode ser algo outro e que, portanto, ele sempre está em débito, é justamente o velado. Cuidar e lidar do velado diz também cuidar e lidar dessa potência, desse ser e estar em débito. A ética heideggeriana é, portanto, radicalmente ontológica, na medida que o que está em jogo nela não é um ideal alheio ao ser do homem que pode ou não ser adotado voluntariamente por cada um, mas sim o próprio ser do homem.

O texto do qual retiramos a última citação se chama *Construir, habitar, pensar*. Nele, Heidegger fala do desencobrimento explorador como causando uma crise no habitar. É justamente neste momento que aparece no texto, fechando, o papel do pensamento. Nos parece justo que essa citação, ainda que longa, feche também este nosso último movimento.

“A crise propriamente dita do habitar consiste em que os mortais precisam sempre de novo buscar a essência do habitar, consiste em que os mortais *devem primeiro aprender a habitar*. E se o desenraizamento do Homem fosse precisamente o fato de o Homem não pensar de modo algum a crise habitacional *propriamente dita como a crise*? Tão logo, porém, o Homem *pensa* o desenraizamento, este deixa de ser uma miséria. Rigorosamente, pensado e bem resguardado, o desenraizamento é o único apelo que *convoca* os mortais para um habitar.

De que outro modo, porém, os mortais poderiam corresponder a esse apelo senão tentando, na parte que *lhes* cabe, conduzir o habitar a partir de si mesmo até a plenitude de sua essência? Isso eles fazem plenamente construindo a partir do habitar e pensando em direção ao habitar.¹⁷³”

¹⁷² HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar **IN: Ensaios e conferências**. Ed. Vozes. Petrópolis: 2002. Pág. 127.

¹⁷³ Id. Pág. 141.